

| Conto

## SEQUESTRO

Por João Matias de Oliveira

Prezada Carolina,

Você sempre me acusou de ter mãos femininas, lembra? E, beibe, eu não batia punheta para você com outras mãos. Saiba que há tempos, quando você se foi, sinto no calor dos dedos a vontade de te escrever esta carta. Não veja nisto o rompante de um ex-amante apaixonado readquirindo, no redemoinho das palavras, aquele mesmo sentimento descartado em várias folhas amassadas na lixeira – os poemas todos em papéis picados. Por este arcaico meio de comunicação – mesmo na forma de e-mail, enviado por correspondência comum – procuro apenas manter um embora envergonhado, mas distante “olá” não correspondido.

Esta seria talvez uma chance de te ver, sem contudo encontrar. Como funciona isso? Quando escrevo imagino a pessoa a quem me dirijo. A mão na multidão que acena e se comunica. Torço o nariz como não viu.guardo sua resposta.

Carolina minha vida depois de você ficou uma merda, esta é a verdade. Fui despejado daquele quartinho furreca onde você me conheceu e juntos assistimos pela oitava vez Laranja Mecânica tomando Fanta. Você de minissaia beje acariciava meu cabelo na nuca – minha necessidade, meu ritual. A cada toque seu, a casa pulava de alegria e renovação. Minha santa na escrivaninha nunca foi tão polida.

E não há mais nada.

Penso: será que ela me responde? Será que assim, um nado sofrido na superfície de um drama italiano, uma ópera bufa, galgaria as escadarias de uma resposta? Não, não. Você sempre me acusou de ser um ator dramático chinfrim – e agora representando. Desses a quem as lágrimas revelam apenas as pantomimas de um personagem em um palco sem platéia.

Estava dirigindo antes de escrever a carta. Na verdade, volto do açougueiro, pago sem maiores consternações pelo serviço prestado para os rogos de um amante cabisbaixo. Percorri uma estrada perdida de falsos testemunhos, de culpa, com apenas uma mão ao volante. Me desculpe por tudo. Você não sente, mas eu escrevo com o peso da minha mão esquerda enquanto, envolta de esparadrapos, a direita se desculpa pingando sangue.

Segue em anexo a mão direita – sou destro – como prova do meu arrependimento.

\*\*\*

Amanheceu e eu não quero pensar em você novamente. Os dígitos passeiam pela folha em branco como na relva entre laranjeiras em que nos conhecemos. Lembro de você: pega uma laranja e não se importa de estar azeda, chupa-a com os lábios que ainda engrossam, no mesmo dia, tantas imprecações por eu ter desfeito o ninho de pássaros amarelos. Eu pisava um por um. Você chorava.

Depois é que se sente mal pelo rapaz cruel, impiedoso, mordaz.

Coração mole, doce, gentil – corrigia logo você. Perceba sua inconstância, ainda não achando palavras audazes com que me amaciam e me amassam, feito folha de papel manchada de batom e blandícias em versos mal feitos. É a segunda comparação com folhas desde a última carta. Ao contrário de você, eu curto essa constância de caráter, algo de que tu duvidava. Mas, eu não te batia somente pelo gosto de bater.

Confesso: bater em você era mais do que um fetiche, era a consolidação do amor até a extremidade dos dedos. Seus olhos verdes refletiam o que eu infelizmente não queria ver. Seu monstro pessoal, o monstro moral. Todos os

dias deitado do seu lado na cama e, confesso, não a percebi chorar silenciosa sob o travesseiro – tantas noites, tanta confusão. Não me olhe com o olhar de culpa, com o olhar verde do passado – eu te imagino nesse exato momento. Sim, eu sofri. Sofro por você e também sofro por mim agora – é como se te visse diante de mim.

Falo de você em uma manhã nublada, um domingo ameno, a relva campeada de flores e um laranjal brilhando a frutos – a chuva passou. Falo de cheiros e sensações: seu perfume de rosas, seu caráter de anjo, sua saia talco de bebê, sua calcinha de renda, sua penugem quente de sal e suor. Tu não percebe, mas o nariz também se comunica. Ele te cheira, nariz danado.

Em anexo: a mão esquerda cortada, limpa de sangue, sem coração pulsar por ela.

\*\*\*

Chegaram a um consenso particular, a empregada, meu – nosso – cachorro Alex e o periquito Kubrick: eu não conseguiria escrever muito tempo sentado na cadeira de madeira, com as duas mãos cortadas e a ponta do nariz digitando – e estou gripado – na máquina Remington antiga. Cada tecla é um cheiro novo que me aproxima de ti, sob os toques duros do nariz com elas. O catarro vem de brinde.

Sinto ficar mais poético no decorrer desta trama pessoal, Carolina. Sabe, seu cheiro, aqueles laranjais. O suco aqui do lado com o canudo – ainda de laranja, só tenho laranjas aqui. Eu venho embromando, mas quero que você volte. Fui um mal namorado, um mal patrão, um mal amante. Queria então sua proximidade, depois de tantos anos, para voltar a escrever e encenar alguma coisa. Juro não mais te bater, juro não mais te fazer chorar – te imagino rogando por isso. Juro não cortar um fio do seu cabelo. Por que não me responde? Duas mãos cortadas, minha consternação, e nada?

Descobri, tenho religião. Sua saída, meu abandono neste cubículo e os livros de dramaturgia empilhados na estante revelam a santinha nunca percebida na

mesa da escrivadinha. Ela parece tão contigo. O rosto liso, as dobras do sorriso. Olhos pretos. Boca lânguida. Corpo suave. Você toda em cerâmica.

Você encenava, encenava muito, e talvez não suportasse a concorrência de vê-la competir comigo. Uma psique louca ainda desacordada quando te conheci: a própria Geni do Rodrigues. Você me descortinou esta paixão prematura e confusa em apresentações no Centro Cultural Banco do Brasil. Mais importante que o saque é o depósito. E eu te comprei por um preço irrisório: poucas flores. Estávamos na mesma peça – lembra? Tu Ofélia, tão linda – noto o brilho nos olhos, a lembrança nos lábios chorosos.

Por favor, volte – peço em lágrimas, juro.

Rezo por ti. Aí vai a ponta do nariz também, em anexo, cortando-o agora e pondo nessa embalagem de papel crepom. Por favor – fungando sangue – dessa vez responda.

\*\*\*

O que restaria então a não ser beijar-lhe em cada uma das teclas de sua espinha dorsal em decúbito na cama de casal – lembra? Então, é o que faço agora. Escrevo-lhe com a língua e os lábios em um notebook que comprei. Fácil? Para principiantes não. Sou seu amante conjugal mais velho e experiente. O terceiro depois dos dois casamentos começados e não terminados – você tão boba com aqueles caras, meu amor, matei e mato um por um. Fui uma benção em sua vida. Até hoje lembro você com cigarros e café na varanda à espera da sorte. Sua sorte chegava ao fim da tarde – eu, do trabalho – e punha-a na cama, com todos os tesões cantados pelo vento forte.

Sinto estar sendo enganado pela nova empregada em uma maquinação para ela herdar minha herança. Casei-me por condição de auxílio em todo esse drama. E percebo que tu nada, né, porra? Não responde! Você nunca espanava direito minha escrivadinha, ficavam pedaços ainda de lápis espalhados por ela. Você nunca limpava direito a sala e parte da cozinha. Puta que pariu, você ainda teria aquela roupa em babados com que fazia isso?

Seus cabelos chegarão à terra, sobre meu caixão, ah se vão.

Em anexo, uma certidão de óbito.

\*\*\*

Olá Carolina, sou eu novamente, escrevendo já do túmulo, provavelmente. Ótimo que você procurou por mim e achou escondida esta carta na terceira gaveta do quarto. Tu agora pode finalmente lamentar a merda que fizeste. Caralho, lhe disse que me mataria. A empregada me fez assinar uma declaração de bens – ainda tinha os lábios, escrevo-te pouco antes do caso do nariz. Não o fiz. Tenta arrumar declaração do tempo que passamos juntos, rouba o dinheiro da preta velha. Faz o seguinte, compra véu e grinalda e se enterra junto comigo no caixão. Já estou por lá, pega uma pá e me alcança. Beija aí os lábios. O fedor se cura com desodorante spray.

Te espero.

\*\*\*

Você não vem?

---

**JOÃO MATIAS DE OLIVEIRA NETO** (Paraíba/Ceará) – Escritor e editor. Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Autor dos livros de contos *Aos Olhos de Outro* (2007) e *O Vermelho das Hóstias Brancas* (2009). Integra os núcleos literários *Blecaute* e *CAIXA BAIXA*. Blog: <http://blogmatias.org>. Twitter: [@j\\_matias](https://twitter.com/j_matias)